COLLOQUIUM
REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 10, NÚMERO 1, CRATO – CE, SETEMBRO DE 2025.1 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: 31/03/2025 ACEITO EM: 16/08/2025 - SEÇÃO 1: ARTIGOS

HISTÓRIA DO SER E CRISE DA PRESENÇA: UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA ENTRE VATTIMO E DE MARTINO

HISTORY OF BEING AND CRISIS OF PRESENCE: A Hermeneutic Analysis Between Vattimo and De Martino

Lucas Pereira da Silva Freitas[1]
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2022341814466832

DOI: https://doi.org/10.58882/cllq.v10i1.214

RESUMO: Este artigo explora as relações entre a filosofia de Gianni Vattimo e a antropologia de Ernesto de Martino, focando na história do ser e a perda de presença no mundo. A partir do "pensamento fraco" de Vattimo e da "crise da presença" de De Martino, o estudo analisa como a transformação do Ser afeta a condição existencial na pós-modernidade, marcada pela fragilidade da presença e perda de sentido. Utilizando a hermenêutica filosófica como método, o texto busca compreender as implicações dessa crise existencial, propondo uma reflexão interdisciplinar sobre a experiência humana e o esquecimento do Ser.

Palavras-Chave: Pensamento Fraco; hermenêutica; crise da presença; história do ser; esquecimento do ser.

ABSTRACT: This article explores the relationship between Gianni Vattimo's philosophy and Ernesto de Martino's anthropology, focusing on the history of being and the loss of presence in the world. Based on Vattimo's "weak thought" and De Martino's "crisis of presence," the study analyzes how the transformation of Being affects existential condition in postmodernity, marked by the fragility of presence and loss of meaning. Using philosophical hermeneutics as a method, the text seeks to understand the implications of this existential crisis, proposing an interdisciplinary reflection on human experience and the forgetting of Being.

Keywords: Weak Thought; hermeneutics; crisis of presence; history of being; forgetting of being.

1. Licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos pelo SENAC, licenciado em Filosofia pela Claretiano, Licenciado em História e Letras-Inglês pela Faculdade IBRA e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Orcid: <0009-0002-7460-5128>. E-mail: lucaspsfreitas@hotmail.com.

ESTA OBRA ESTÁ LICENCIADA SOB UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS CC BY 4.0

INTRODUÇÃO

A relação entre história, religião e metafísica atravessa as mais diversas tradições filosóficas e culturais, revelando tensões fundamentais no modo como o ser humano se posiciona diante do tempo e do sagrado. Neste ensaio, propomos uma investigação hermenêutica que conecta dois pensadores cuja contribuição teórica oferece ferramentas preciosas para compreender a crise contemporânea de sentido, a um estado em que indivíduos e sociedades enfrentam dificuldades para encontrar valores, significados ou orientações claras em um mundo marcado por mudanças aceleradas, instabilidade e relativismo cultural: Gianni Vattimo[2] e Ernesto De Martino[3]. A análise parte de duas problemáticas centrais: o "esquecimento do ser" na história da metafísica, conforme delineado por Vattimo, e a "crise da presença" como categoria antropológica fundamental no pensamento de De Martino e cujo ponto de convergência se encontra na profunda influência de Martin Heidegger[4].

Para Vattimo (2018a), a hermenêutica se estrutura como uma crítica à ontologia tradicional, iluminando a secularização não apenas como um processo

2. Gianni Vattimo (1936-2023) foi um dos mais influentes filósofos pós-modernos italianos, amplamente conhecido por suas contribuições à hermenêutica filosófica, à ética e ao pensamento religioso. Inspirado pela filosofia de Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche, Vattimo desenvolveu a noção de pensiero debole ("pensamento fraco"), um conceito que critica as estruturas de poder e as verdades absolutas associadas à metafísica tradicional. Seu trabalho propõe um entendimento do ser como historicamente contingente, aberto à pluralidade e à interpretação.

3. Ernesto De Martino (1908-1965) foi um renomado antropólogo, historiador das religiões e filósofo italiano, cuja obra se destacou por explorar a relação entre cultura, religião e subjetividade em contextos de crise. Reconhecido por sua abordagem inovadora na antropologia cultural, De Martino investigou como comunidades humanas respondem a situações de desestabilização existencial e desenvolveu o conceito central de "crise da presença". Esse conceito descreve os momentos em que o sujeito perde o sentido de continuidade com o mundo e consigo mesmo, recorrendo a práticas rituais e simbólicas para recuperar a estabilidade.

4. Martin Heidegger (1889–1976) foi um dos filósofos mais influentes do século XX, amplamente reconhecido por suas contribuições à fenomenologia, à ontologia e à filosofia existencial. Nascido em Messkirch, Alemanha, Heidegger é mais conhecido por sua obra monumental Ser e Tempo (Sein und Zeit, 1927), na qual apresenta uma investigação fundamental sobre o significado do ser, questionando as bases da metafísica ocidental.

histórico, mas como uma reinterpretação narrativa do ser[5]. Sua noção de "pensamento fraco"[6] desafia a rigidez das verdades metafísicas e abre espaço para uma leitura da religião que acolhe a pluralidade de significados e a transformação cultural. Por outro lado, De Martino, ao investigar a "crise da presença", desvenda as formas como os sujeitos, ao se depararem com rupturas na continuidade de sua experiência, recorrem a práticas rituais e narrativas simbólicas para recuperar o equilíbrio existencial.

> Ora, secularização significa, exatamente e antes de tudo, relação de proveniência de um cerne do sagrado do qual nos afastamos e que, todavia, permanece ativo, mesmo em sua versão "decaída", distorcida, reduzida a termos meramente mundanos etc. Os fiéis-fiéis podem obviamente ler a ideia da retomada e do retorno como sinal de que aqui se trata apenas de reencontrar uma origem que é a mesma dependência da criatura de Deus; mas, quanto a mim, considero que seja igualmente significativo e importante não esquecer que esse reencontro é também o reconhecimento de uma relação necessariamente desprezada. Como no caso do esquecimento do ser de que fala Heidegger, também aqui (analogia, alegoria; mais uma vez: Secularização filosófica da mensagem religiosa?) não se trata tanto de lembrarmos a origem esquecida, tornando-a plenamente presente, mas de lembrarmos que sempre nos esquecemos dela e que a recordação desse esquecimento e dessa distância é a única coisa que constitui a autêntica experiência religiosa (Vattimo, 2018a, p. 9).

O esquecimento do ser foi amplamente discutido por Heidegger (2005) e também impacta Vattimo, e ocorre como resultado de um longo processo histórico em que o pensamento ocidental se afasta da questão fundamental do ser em favor de um foco cada vez mais instrumental e técnico sobre o mundo. Como

5. De acordo com Marzano (2023): "O ser, para Vattimo, só poderia existir como temporalidade, como uma espécie de transmissão de mensagens linguísticas de uma época para a outra. Para o filósofo, era a única possibilidade de escapar da violência de uma verdade monolítica e, portanto, com "V" maiúsculo; a única forma de dar conta das mil facetas da existência, sem por isso, no entanto, abrir mão de valores como a tolerância, o acolhimento ou a caridade que, para Vattimo, sempre tiveram a capacidade de resistir ao desgaste do tempo. Além disso, para ele não se tratava de justificar formas extremas de relativismo, mas de se opor à violência intrínseca de "toda relação autoritária que se estabelece entre o fundamento e o fundado, entre o ser verdadeiro e a aparência efémera ou, que é o mesmo, nas relações de dominação que se constroem em torno da relação sujeito-objeto".

6. Segundo Gomes (2009): A fraqueza ou debilidade como atributo do pensamento (*pensiero debole)* pretende mostrar a fraqueza do pensamento metafísico e possibilitar a abertura de espaço para as demais formas de pensamentos não-metafísicos como o da arte e da retórica. O pensamento fraco é aquele que situado no momento histórico pensa sobre todas as questões, mas não se fecha numa interpretação única e determinística. Ele é um pensamento aberto para as possibilidades, pois é passível de questionamento. É um repensamento.

relata Vattimo (2012a), o problema da técnica como imagem objetivamente dada, segundo Heidegger, ocorre quando o mundo e os *entes* passam a ser vistos apenas como objetos disponíveis para manipulação e controle. Essa objetificação congela a experiência da presença ("petrificação"), reduzindo o ser a algo estático e calculável. Assim, perde-se a abertura para a manifestação do ser, substituída por um olhar técnico-instrumental.

> Em definitivo, ao determinar o ser como presença, a filosofia ocidental tornou-se um simples conjunto de descrições do estado atual das coisas e privilegia automaticamente os termos de presencialidade temporal, espacial e unificada em detrimento de seus contrários. É por isso que Heidegger explicou que, 'na medida em que, deste modo, a pura relação do eu-penso-unidade (no fundo uma tautologia) se torna incondicional, isso significa: o presente a si mesmo presente é o critério de toda entidade' (Vattimo, 2012a, pp. 27-28, tradução nossa).[7]

Para Heidegger (2005), a tradição metafísica e, especialmente, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, passam a dominar a forma como compreendemos a realidade. Assim, o ser, que deveria ser a questão fundamental da filosofia, é substituído pela objetividade, pela técnica e pelo cálculo, levando à perda de uma relação mais profunda com o que nos constitui e com o mistério da existência. Heidegger destaca a importância de questionar a ontologia grega a partir da perspectiva da temporalidade, afirmando que a condição temporal do *Dasein* é essencial para a interpretação. Isso ocorre porque o ser do *Dasein* encontra seu sentido na temporalidade. Esta, por sua vez, constitui a condição de possibilidade da historicidade, entendida como um modo temporal de ser do próprio Dasein" (Heidegger, 2005b, p. 57). O movimento do ser na temporalidade reflete o movimento de sua própria compreensão. O ser está inserido no hori-

7. O texto original diz: "En definitiva, al determinar el ser como presencia, la filosofia occidental se ha convertido en um simple conjunto de descripciones del presente estado de cosas y privilegia automáticamente los términos de presencialidad temporal, espacial y unificada frente a sus contrarios. Es por ello que Heidegger explicó que, 'en cuanto de este modo la pura relación del yopienso-unidad (en el fondo una tautología) se hace incondicional, ello significa: el presente a sí mismo presente es el criterio de toda entidad'".

zonte da historicidade, ou seja, na abertura histórico-destinal. Como também reflete Heidegger:

> Este regresso evidentemente não se refere a um retorno a tempos mortos para experimentar de forma artificial seu rejuvenescimento. O tornar atrás designa aqui a direção para aquele lugar (o esquecimento do ser) a partir do qual já a metafísica recebeu e conserva sua origem (Heidegger, 1969, p. 59).

Para Vattimo (2018b), esse esquecimento do ser não é apenas uma questão filosófica abstrata, mas algo que impacta profundamente a religião e, em particular, o cristianismo. No contexto de uma era secular e tecnológica, o cristianismo também passa por uma "debilitação" das suas estruturas e doutrinas absolutas. O autor vê esse enfraquecimento como uma oportunidade, interpretando o esquecimento do ser como um processo que permite ao cristianismo se abrir a novas formas de compreensão e a um diálogo mais inclusivo e amoroso.

Em sua obra, Vattimo propõe que o cristianismo tem um papel único na disseminação da secularização e do enfraquecimento dos valores absolutos, pois ele próprio carrega em sua essência o tema da *kénosis*, o esvaziamento divino que se manifesta na encarnação de Deus em Cristo. Para Vattimo (2004), essa autolimitação ou auto esvaziamento de Deus é uma metáfora para o esvaziamento das verdades absolutas e da rigidez dogmática. Assim, a secularização, em vez de ser vista como um afastamento negativo da religião, pode ser interpretada como um desenvolvimento interno do próprio cristianismo, que ao longo do tempo se esvazia e se abre à pluralidade e o cristianismo pode também ser interpretado a partir do niilismo de Friedrich Nietzsche[8] em diálogo com a proposta de superação da metafísica de Martin Heidegger.

8. Friedrich Nietzsche (1844–1900) foi um filósofo voluntarista do século XIX, conhecido por suas ideias revolucionárias sobre moralidade, religião, cultura, e o papel do indivíduo na sociedade. Alemão de nascimento, Nietzsche desafiou os fundamentos das crenças tradicionais e propôs novos conceitos que até hoje provocam intensos debates.

O fato de que a filosofia pós-metafísica se veja compelida a passar a história do ser como a história de enfraquecimento não é algo que se possa separar da sua pertinência a esta tradição. [...] Reconhecido o seu "parentesco" com a mensagem bíblica da história da salvação e da encarnação de Deus, o enfraquecimento que a filosofia detecta como traço característico da história do ser se chama secularização, entendida no seu sentido mais amplo, que abrange todas as formas de dissolução do sacro que caracterizam o processo de civilização moderno. Se, contudo, a secularização é o modo pelo qual se atua o enfraquecimento do ser, ou seja, a kénosis de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá ser mais pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, da sua íntima vocação (Vattimo, 2004, p. 34-35).

Esse processo permite que o cristianismo, segundo Vattimo, abandone pretensões de universalidade e verdade absoluta, passando a se relacionar com o mundo de forma mais dialógica e hermenêutica. Ao acolher o enfraquecimento dos valores fixos, o cristianismo se tornaria mais próximo da essência do amor, que Vattimo identifica como o verdadeiro núcleo da mensagem cristã.

O conceito de esquecimento do ser está ligado a um processo de diluição das grandes estruturas e conceitos absolutos, incluindo aqueles que tradicionalmente fundamentam nossa compreensão da morte e da linguagem. Ao desenvolver seu pensamento sobre o esquecimento do ser, Vattimo se inspira em Heidegger, que argumenta que a história da metafísica ocidental (a própria história do ser) levou a um esquecimento metafísico do ser em favor de uma abordagem que instrumentaliza o mundo e as relações.

O conceito de "crise da presença" foi desenvolvido a partir de suas pesquisas nas culturas camponesas do sul da Itália, onde ele observou práticas rituais e religiosas, como o tarantismo, os lamentos fúnebres e rituais mágicos, que buscavam restaurar o equilíbrio psíquico e social em momentos de crise. De Martino

analisou diversas religiões e ritos, especialmente aqueles ligados às culturas populares e tradicionais, para compreender esse processo. Ele se concentra em práticas mágicas, religiosas e rituais de sociedades camponesas do sul da Itália, bem como de outros contextos históricos e etnográficos.

A leitura de De Martino a partir da obra de Cristina Pompa nos mostra que a crise da presença ocorre quando o sujeito enfrenta uma situação que ameaça sua capacidade de agir, significar e se posicionar no mundo, como traumas, perdas ou desafios que rompem sua estabilidade existencial. Essa ameaça implica um colapso temporário da ordem simbólica que sustenta a experiência humana, colocando em risco a continuidade do "estar no mundo".

Logo, o esquecimento do ser de Vattimo e a crise da presença de De Martino se relacionam por abordarem a fragilidade da experiência humana diante da perda de fundamentos ontológicos e culturais. Vattimo vê o esquecimento do ser como um processo histórico que dissolve verdades metafísicas, permitindo um pensamento "fraco". De Martino, por sua vez, interpreta a crise da presença como o colapso da confiança no ser-no-mundo, causado por transformações culturais e existenciais. Ambos apontam para uma condição humana em que a perda de referências exige novas formas de significação e de estar no mundo e que impelem para refletir também frente à aspectos de alienação e violência, em sentido simbólico e existencial, pois envolve o desmantelamento das estruturas que sustentam a experiência do indivíduo no mundo, ocultando a linguagem pertinente a processos religiosos e desestruturando o sujeito de suas expressões e interpretação de mundo enquanto meio de reconexão e reconstrução. Como nos esclarece Cristina Pompa:

> O interesse de De Martino se concentra agora no trabalho de campo entre as que Croce definiu como "plebes rústicas", colocando temas aparentemente menores, folclóricos ou até "exóticos" (a lamentação ritual, a magia cerimonial, o tarantismo) no quadro dos grandes temas

> filosófico-existenciais: a crise da presença, o ser no mundo, o "éthos do transcendimento", a "replasmação no valor", a "energia moral" (Pompa, 2022, p. 336).

De Martino foca no estudo de práticas culturais das "plebes rústicas", conectando temas folclóricos como lamentação ritual e tarantismo a questões filosófico-existenciais, como a crise da presença e o transcendimento ético e moral. A abordagem hermenêutica que propomos articula essas perspectivas, explorando como a história do ser e a crise da presença dialogam na constituição de uma nova compreensão do religioso em tempos marcados pela fragmentação e pelo pluralismo. Este percurso não se limita à análise filosófica, mas adentra as áreas das ciências da religião, oferecendo uma leitura crítica dos desafios que o pensamento contemporâneo enfrenta ao lidar com a perda de referências absolutas e a reconfiguração do sagrado.

Ao colocar Vattimo e De Martino em diálogo, buscamos responder a questões urgentes: como a secularização, enquanto movimento hermenêutico, transforma nossa relação com o transcendente? De que maneira a crise da presença revela um dinamismo próprio da religiosidade humana, capaz de redimensionar o sagrado em contextos de instabilidade? E, por fim, como uma análise hermenêutica pode contribuir para as ciências da religião ao abordar o entrelaçamento entre história, subjetividade e transcendência? Este artigo, portanto, apresenta uma tentativa de iluminar essas questões, propondo uma reflexão que une filosofia e antropologia e aspectos da história das religiões em torno do fenômeno religioso e das possibilidades de sentido em tempos de crise. Finalmente, trazer à tona o que podemos considerar com essas discussões entrelaçando a problemática desses dois autores para as Ciências da Religião.

A HISTÓRIA DO SER PARA VATTIMO E DE MARTINO

Vattimo (2018b), em sua interpretação da história da metafísica, adota a perspectiva heideggeriana da história do ser (Seinsgeschichte), mas a reformula à luz de sua filosofia hermenêutica. Em sua compreensão, a história do ser é um movimento de desvelamento e ocultamento, onde o ser se manifesta em diferentes épocas, configurando não verdades absolutas, mas interpretações condicionadas historicamente. Essa abordagem sublinha Vattimo como um historiador da metafísica, que lê o desenvolvimento do pensamento ocidental como uma narrativa de declínio dos absolutos e abertura para sua compreensão frente ao Pensiero Debole[9].

> O fato de que a filosofia pós-metafísica se veja compelida a passar a história do ser como a história de enfraquecimento não é algo que se possa separar da sua pertinência a esta tradição. [...] Reconhecido o seu "parentesco" com a mensagem bíblica da história da salvação e da encarnação de Deus, o enfraquecimento que a filosofia detecta como traço característico da história do ser se chama secularização, entendida no seu sentido mais amplo, que abrange todas as formas de dissolução do sacro que caracterizam o processo de civilização moderno. Se, contudo, a secularização é o modo pelo qual se atua o enfraquecimento do ser, ou seja, a kénosis de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá ser mais pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, da sua íntima vocação (Vattimo, 2004, p. 34-35).

Heidegger é central para a concepção de Vattimo. Para Heidegger (2005), a história do ser revela o esquecimento progressivo da questão fundamental do ser, substituída pelo domínio da técnica e da metafísica. Vattimo, entretanto, interpreta esse "esquecimento" como um caminho produtivo, uma oportunidade

9. Conceito Hermenêutico que enfatiza o enfraquecimento do ser, não mais captando seu entorno como verdade, mas no universo linguístico. Podemos traduzir Pensiero Debole enquanto "Pensamento Fraco". De acordo com Marzano (2023): "Ao contrário da metafísica, pensamento que retorna aos fundamentos, a hermenêutica caracteriza-se mais como pensamento da tradição no sentido de traditum, aquilo que é transmitido. Por essa razão, a hermenêutica parece-me ser uma forma, talvez a única forma, na qual uma experiência religiosa possa sobreviver". , , : essas são sem dúvida as três palavras-chave que nos falam de Gianni Vattimo, um dos maiores filósofos italianos contemporâneos, um daqueles intelectuais que nunca hesitaram em tomar posição sobre as questões mais controversas e espinhosas da existência, às vezes até mudar radicalmente de opinião".

para libertar o pensamento das amarras metafísicas e abraçar a pluralidade hermenêutica. Assim, ele ressignifica a ideia de Heidegger, propondo que a secularização e a "morte de Deus" são expressões do desdobramento histórico do ser.

> A guinada – aliás, a dupla guinada, junto com a descoberta de Nietzsche – mais importante de minha experiência especulativa. Certamente aquela de onde tudo se originou. Heidegger escreve: não estamos num plano em que há apenas o homem, mas em que há, antes e acima de tudo, o Ser. Essa história do Ser me intriga porque parece capaz de abranger minha herança religiosa e, além disso, vejo nela – não com tanta clareza no início, mas certamente é o que me prende desde aquele momento – uma perspectiva filosófica, e também existencial e política, de liberdade, de libertação (Vattimo, 2018b, p. 37).

Nietzsche (gaia ciência), com sua crítica à metafísica e à moral ocidental, fornece a Vattimo o conceito de "morte de Deus", entendido como o fim das verdades absolutas. Vattimo vê na *genealogia* nietzschiana um método histórico que revela as condições culturais e sociais das ideias metafísicas. Para ele, a "morte de Deus" não é um evento trágico, mas a possibilidade de novas interpretações do ser que rompem com a lógica autoritária da metafísica.

A hermenêutica de Hans-Georg Gadamer[10] também é fundamental. Gadamer destaca o caráter histórico da compreensão, afirmando que toda interpretação está inserida numa tradição. Vattimo amplia essa ideia, aplicando-a à história do ser: a tradição não é algo fixo, mas um campo dinâmico onde as interpretações se transformam. Para Vattimo, o ser não é algo a ser descoberto em sua essência, mas algo a ser continuamente interpretado na relação com a história e a cultura, sem a tendência de entificá-lo, como já elaborava Heidegger:

10. Hans-Georg Gadamer (1900-2002) foi um filósofo alemão que inspirou Vattimo, amplamente reconhecido como uma das figuras mais influentes da filosofia hermenêutica no século XX. Sua obra mais famosa, "Verdade e Método" (Wahrheit und Methode), publicada em 1960, estabeleceu as bases para uma nova abordagem hermenêutica, destacando a importância da linguagem, da tradição e do diálogo na compreensão humana.

> O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre cada vez *meu*. Em seu ser, isto é, sendo, este ente se comporta com o seu ser. Como um ente deste ser, a presença se entrega à responsabilidade de assumir seu próprio ser. O *ser* é que neste ente está sempre em jogo (Heidegger, 2005, p. 77).

Vattimo, ao reinterpretar a história da metafísica, critica a contribuição de Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino[11] na consolidação de um pensamento metafísico que afastou a filosofia do caráter histórico e interpretativo do ser. Dentro de suas obras, Platão inaugura a metafísica ao postular o mundo das ideias como uma realidade transcendente e imutável, desvinculada do mundo sensível. Essa separação funda o esquecimento do ser, como já concluía Heidegger (1938) tratando o sujeito como mero *subjectum* pois privilegia valores absolutos que ocultam a dinâmica histórica da existência. Aristóteles, ao definir o ser como substância (*ousia*), consolida essa perspectiva, apresentando o ser como algo fixo e plenamente cognoscível, o que reforça a visão metafísica de uma realidade estável e universal. Esses pensamentos da filosofia clássica lidam com Deus enquanto o primeiro motor das verdades e também enquanto *ente* imóvel. Como Vattimo (2018b, p. 127) observa: “A Pós-modernidade é o local onde se realiza o que Heidegger previra em seu ensaio *A época da imagem do mundo*”. Heidegger (1938) vê a modernidade como uma época em que o ser humano passou a representar o mundo como uma "imagem". Essa ideia de mundo como imagem surge da objetivação e domínio do mundo pela ciência e pela técnica. Na modernidade, o homem coloca-se no centro como sujeito e tudo o que existe ao seu redor é transformado em objeto que pode ser manipulado, medido e controlado.

11. Platão (428/427–348/347 a.C.), filósofo grego, foi discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles. Fundador da Academia de Atenas, elaborou a teoria das Ideias, defendendo que a realidade sensível é um reflexo imperfeito de formas imutáveis e eternas. Aristóteles (384–322 a.C.), seu discípulo, rompeu com essa visão, focando no mundo sensível e desenvolvendo uma filosofia sistemática que abrange lógica, ética, política e ciências. Santo Agostinho (354–430), filósofo e teólogo cristão, uniu o pensamento platônico ao cristianismo, abordando temas como o tempo e a graça divina. São Tomás de Aquino (1225–1274), foi influenciado por Aristóteles e integrou razão e fé para elaborar uma filosofia profundamente metafísica.

Já na Patrística, Santo Agostinho, por sua vez, desloca a questão metafísica para a interioridade, ao identificar o ser com a busca de Deus na alma humana. Embora sua abordagem introduza uma dimensão existencial, ela também perpetua a ideia de um fundamento transcendente e eterno, subordinando o ser à teologia. São Tomás de Aquino reforça essa tradição ao integrar a metafísica aristotélica à teologia cristã, apresentando Deus como o ser necessário e ato puro, a fonte última de todo ser. Para Vattimo (2012b), essa síntese entre filosofia e teologia fortalece a metafísica enquanto estrutura normativa, ao propor um horizonte onto-lógico definitivo.

> Se Deus existe, disse São Tomás, ele deve ser objeto da metafísica, deve ser alguém que não se move, não muda, estes são problemas. E isso continuou assim por muito tempo. Não só isso, mas para explicar o cristianismo a quem ainda não o conhecia, São Tomás partiu daí. Digamos que ele também escreveu entre suas Sumas que havia uma Suma contra pessoas Gentiles, que era um manual missionário para aqueles que vão até os selvagens que nada sabem e recorrem à questão de saber se Deus existe, porque para eles há caminhos, para a causa da causa e efeito para as diversas causas. A causa suprema de todo o movimento de Deus, Dante, de quem sou outro emulador, disse isso, sustentando que o amor que move o sol e as outras estrelas, ou seja, Deus, cria o mundo, mas ele o cria não porque seja um artesão que pega a matéria, porque obviamente a matéria não existe antes da criação, mas a transforma, a envia, a cria do nada e a modifica e a move. Não tanto como uma causa eficiente, como quem a martelou, mas como uma causa final, isto é, todo o universo que São Tomás, Aristóteles e também Dante tinham em mente era que a terra se destaca porque todos os planetas estão em suas várias órbitas. Os doze signos do zodíaco são os doze círculos, talvez eu não saiba quantos são assim e se estive sob o signo de Escorpião e tudo bem. Escorpião é um desses planetas que não pode porque tem Saturno. Então existe o mundo, a Terra, depois existem os vários planetas ao seu redor, e por último, existe também o Sol e então por que tudo isso se move? Porque Deus o move por uma causa última, como quem diz que me movo em sua direção porque seu sorriso, seu olhar me atrai. E isto é mais ou menos o universo, como pensavam São Tomás e Dante. Ou seja, houve todo um sistema físico produzido, criado por Deus, do nada que se movia porque Deus o atraiu, como que para fazer mover os planetas, etc, etc. Depois há o que ele chama de amor que move o sol e as outras estrelas. É como se uma grande força atrativa estivesse puxando tudo isso para frente. Você consegue descobrir a causa, hein? Material é para se aquecer você precisa de um corpo quente e de uma causa eficiente que te aqueça, que você se aproxime do fogo. Na verdade, se você não tomar cuidado, você fechará. Mas todo o espetáculo como um todo é movido por Deus como causa final suprema e objeto do amor (Vattimo, 2012b, tradução nossa).

Contra essa tradição, Vattimo, inspirado por Heidegger e Nietzsche, argumenta que a metafísica oculta o caráter interpretativo do ser, tratando-o como uma essência fixa em vez de uma experiência histórica. A partir da perspectiva da história do ser, ele propõe que a secularização e o "pensamento fraco" desconstroem essa visão, permitindo uma abertura para interpretações plurais e contextuais do ser, que resgatam sua relação com o tempo, a cultura e a contingência.

Embora Vattimo critique a metafísica tradicional, ele encontra em Emmanuel Lévinas[12] uma maneira de repensar o ser a partir da relação ética com o outro. Lévinas desafia a primazia do ser como totalidade, introduzindo a alteridade como fundamento ético. Vattimo integra essa perspectiva, sugerindo que a história do ser não é apenas um fenômeno ontológico, mas também ético, moldado pela convivência e pela interpretação do outro.

Para Vattimo (1987), a história do ser culmina em uma era pós-metafísica, onde a secularização e o pensamento fraco substituem os sistemas totalizantes. Ele propõe que a história deve ser lida não como um progresso linear, mas como uma narrativa fragmentada, onde as interpretações convivem e se sobrepõem. Assim, o papel do historiador da metafísica é revelar as transformações dessas interpretações e suas implicações para o pensamento contemporâneo.

Em síntese, Vattimo, como historiador da metafísica, explora a história do ser através de uma lente hermenêutica, reinterpretando a tradição filosófica e religiosa em diálogo com Heidegger, Nietzsche, Gadamer e Lévinas. Ele oferece uma visão onde a dissolução da metafísica abre espaço para uma convivência

12. Emmanuel Lévinas (1906–1995) foi um filósofo francês de origem lituana, conhecido por sua abordagem ética e fenomenológica da filosofia. Lévinas é mais famoso por sua teoria da ética como filosofia primeira, na qual coloca a relação com o outro (o "outro" como uma pessoa distinta de nós) no centro de sua reflexão filosófica. Ele critica a tradição filosófica ocidental, que privilegia o conhecimento e a razão, e propõe que a ética surge antes de qualquer outro tipo de conhecimento, pois o encontro com o outro é uma experiência fundamental e intransponível.

plural de significados, enfatizando a historicidade, a ética e a abertura do ser como categorias centrais. A experiência religiosa em Lévinas é abordada como expressão de diversidade e vazio, sem afirmações positivas ao pensamento filosófico. O nome de Deus reflete a finitude própria da existência humana:

> Um espaço à experiência religiosa, ou até falam de Deus (como é o caso de Lévinas), porém somente como de uma diversidade e de um vazio que não se pode deixar de admitir, e que, contudo, não fala positivamente ao pensamento filosófico e sobre o qual o pensamento filosófico não fala. Tanto que, até mesmo e, sobretudo, em Lévinas, o nome de Deus parece evocar simplesmente a finidade característica da existência humana (Vattimo, 2004, p. 109).

Já para De Martino, dentro da leitura que podemos fazer a partir do artigo de Cristina Pompa (2022), a história do ser se dá como a história da luta do ser humano para afirmar sua presença no mundo. Central em sua obra, a noção de presença refere-se ao esforço constante para dar sentido à existência em meio às adversidades e rupturas que caracterizam a experiência humana. Segundo ele, o ser humano enfrenta momentos de "crise da presença", nos quais a conexão com o mundo e consigo mesmo é ameaçada, levando à perda de sentido ou identidade. Essas crises, entretanto, são enfrentadas e superadas por meio de práticas culturais, rituais e narrativas que ajudam o indivíduo a reconstituir-se e a reafirmar sua inserção no mundo. De Martino concordaria com Vattimo de que a história do ser não é universalista ou linear, mas profundamente marcada pela historicidade, isto é, pela inserção do ser humano em contextos culturais e históricos específicos. O ser é, portanto, inseparável das práticas e expressões culturais que respondem às condições existenciais de cada época, tornando a história do ser um processo dinâmico de criação e recriação diante das crises e desafios da vida.

> Vários autores apontam para o fato de que há uma clara superação de Heidegger, na medida em que se, para Heidegger, a condição de "queda" do ser (Verfallen) é inscrita na própria existência como sua condição,

> para De Martino a possível queda (a "perda da presença") está fundamentalmente ligada a condições históricas específicas de existência, aquilo que ele chama "o mundo mágico". Trata-se da passagem entre um horizonte ontológico e um horizonte historiográfico (Cherchi; Cherchi, 1987), de uma reformulação do conceito de Geworfenheit, o "ser lançado no mundo", pois se, para Heidegger, a "queda" é uma condição permanente do próprio ser, para De Martino, o risco de "não ser" está ligado a condições externas e traz consigo a possibilidade de sua superação (Massenzio,1995). Mais uma vez, é a partir do recorte histórico que De Martino assimila e trabalha conceitos e temas que pertencem a tradições que não fazem da história – pelo menos no sentido que De Martino atribui à história – seu centro gravitacional, como no caso de Heidegger e da fenomenologia (Pompa, 2022, p. 332).

Enquanto para Heidegger a queda (Verfallen) é uma condição ontológica e permanente da existência, De Martino a vê como um risco vinculado a condições históricas específicas, que podem ser superadas. Dessa forma, De Martino propõe uma leitura histórica do ser, deslocando o foco da ontologia para a historiografia, oferecendo uma visão mais dinâmica e contextualizada da existência humana.

HERMENÊUTICA E HISTORICIDADE

Vattimo e Ernesto de Martino propõem abordagens que desafiam a tradição metafísica e sua compreensão do ser, com foco na historicidade e na crise da presença. Em Vattimo (1987), a história do ser não segue um progresso linear, mas é marcada por momentos de desvelamento e ocultamento, onde o ser se manifesta de maneira plural e contingente.[13] Influenciado pela filosofia hermenêutica de Gadamer e Heidegger, Vattimo critica a tentativa da metafísica ocidental de fixar o ser em estruturas permanentes, propondo em seu lugar um "pensamento fraco" que reconhece a finitude humana e permite uma interpretação aberta e plural do ser. Ele vê a crise da presença como um esfacelamento das certezas

13. No clássico *O Sagrado e o Profano (1992, pp. 20-22)*, o cientista da religião, Mircea Eliade (1907-1986) introduz o conceito de **hierofania** para designar a manifestação do sagrado em realidades concretas e cotidianas. Ao narrar que qualquer objeto, gesto ou lugar pode tornar-se veículo dessa manifestação, Eliade rompe com uma visão exclusiva e monolítica do sagrado, abrindo espaço para compreendê-lo como plural, contingente e situado historicamente. Tal compreensão oferece um paralelo fecundo com a crítica à metafísica tradicional, pois evidencia que o encontro com o "ser" não se dá de forma absoluta e fixa, mas na multiplicidade de aparições que se inscrevem no tempo e na cultura.

metafísicas, desafiando as verdades universais e dando espaço para uma nova hermenêutica, que não busca certezas absolutas, mas sim interpretações contextuais que lidam com a instabilidade do mundo moderno.

Ernesto de Martino, por sua vez, aborda a crise da presença a partir de uma perspectiva antropológica e fenomenológica, focando nos impactos das transformações culturais e históricas sobre as crenças religiosas e a experiência humana. Em De Martino, a presença do ser é fundamental para a subjetividade humana, sendo a base para a construção de sentido e ordem no mundo. A perda dessa presença, quando a ordem simbólica que dá estrutura à vida do sujeito se dissolve, gera uma crise existencial profunda, que ele descreve como uma violência existencial. De Martino vê essa crise não como algo isolado, mas profundamente enraizada nas mudanças culturais, sociais e religiosas, especialmente nos períodos de secularização, onde as tradições religiosas perdem seu poder de fornecer estabilidade e sentido. Essa crise afeta não apenas o indivíduo, mas a coletividade, gerando um vazio existencial que abre espaço para a busca de novos sentidos. A proposta humanista de Ernesto De Martino baseia-se em um humanismo ampliado, onde o encontro etnográfico revela dramas históricos específicos das culturas, buscando resgatar a "presença" frente ao risco de sua perda. Esse drama é um risco antropológico constante, intensificado na modernidade pelas crises das guerras, Holocausto e terror atômico. Em *La fine del mondo*, De Martino descreve essa crise como um "apocalipse sem *escaton*", marcado pela iminência do fim sem redenção:

> A "proposta humanista" de Ernesto De Martino, na qual o encontro etnográfico é estímulo e fundamento de um humanismo ampliado, só pode se dar na perspectiva histórica, pela qual qualquer manifestação cultural remete a um "drama histórico" específico, de uma sociedade ou de um grupo, em busca de um resgate frente ao risco de "perda da presença". E esse drama, como o próprio autor mostrará em La fine del mondo, não pertence apenas às sociedades com precários regimes de existência, mas constitui um risco antropológico permanente, ainda mais agudo na sociedade moderna, em que a experiência trágica das duas

> guerras mundiais, os fantasmas do Holocausto e o terror atômico radicalizavam uma crise expressa na ideia do fim, do homem e do mundo: um "apocalipse sem escaton", em suas palavras (Pompa, 2022, p. 344).

Embora partam de diferentes perspectivas, Vattimo e De Martino convergem em sua análise da crise da presença e na importância de uma abordagem hermenêutica que leve em conta a historicidade do ser. Vattimo enfatiza a ruptura com as grandes narrativas metafísicas e propõe uma visão do ser mais fluida e aberta ao diálogo cultural e religioso, enquanto De Martino enfoca as dimensões antropológicas e religiosas da crise da presença, destacando seu impacto nas crenças e na religiosidade. Ambos reconhecem que a hermenêutica, ao compreender a historicidade e a contingência do ser, oferece um caminho para reconstruir o sentido perdido e reinterpretar a experiência humana, especialmente em tempos de secularização e transformação cultural. De Martino (2019) se aproxima das concepções de Vattimo ao abordar a historicidade do fenômeno religioso, sugerindo que o sentido dos símbolos religiosos não é universal ou imutável, mas sim condicionado pela história e cultura. Ele critica uma visão que reduz a historicidade religiosa a um simples dado cronológico, como o fato de Cristo falar aramaico, e propõe que o verdadeiro significado de símbolos religiosos, como o de Cristo, só pode ser compreendido dentro do contexto histórico e cultural em que surgem. A transformação do simbolismo religioso em símbolos mundanos (éticos, políticos, poéticos, científicos) reflete a transição da espiritualidade para novas formas de entendimento e expressão humana, particularmente no contexto de uma sociedade cada vez mais secularizada.

> A historicidade do fenômeno religioso não concerne somente ao fato de que "quando o filho de Deus encarnou teve de falar aramaico" (Eliade), mas o próprio símbolo do filho de Deus, no sentido de que o símbolo de Cristo é compreensível no interior de uma certa história cultural. [...] O sentido da história está na passagem dos símbolos mítico-rituais das religiões aos símbolos mundanos (ético-políticos, poéticos e científicos) (De Martino, 2019, p. 252, tradução nossa).

O diálogo entre as abordagens de Vattimo e De Martino fornece uma contribuição importante para as ciências da religião, pois permite compreender a crise da presença não apenas como um fenômeno filosófico, mas como algo que atravessa as dinâmicas religiosas e culturais. A hermenêutica, ao reconhecer a historicidade do ser, oferece novas formas de interpretar a religiosidade e de repensar o sagrado, especialmente em tempos de mudança e no amparo do mundano. Ao integrar essas perspectivas, podemos refletir sobre como as transformações culturais impactam a filosofia e a religião, ajudando a compreender as implicações dessas mudanças para o sentido da vida e da existência humana no mundo moderno, está aqui a ética cristã, cuja autenticidade paradoxalmente ultrapassa e se encontra além da própria instituição religiosa cristã, possibilitando o surgimento do cristianismo como a religião genuína, pois se fundamenta na caridade, que é o meio de se viver a verdade da revelação, cuja dimensão histórica de salvação se encontra na trajetória da humanidade, uma aproximação de Jesus que se esvaziou para a encarnação mundana do verbo.

ESQUECIMENTO DO SER

Para Vattimo, esse esquecimento se expressa em uma cultura pós-moderna onde os grandes temas metafísicos (como a morte e a linguagem) não desaparecem, mas se enfraquecem. A morte, por exemplo, perde seu sentido como um evento absoluto e trágico; ela se dilui em uma compreensão onde a finitude é reconhecida, mas sem o mesmo peso dramático que tinha na modernidade. Esse "enfraquecimento" da morte implica uma nova relação com a vida, onde o trágico cede espaço ao fluxo contínuo da existência e da pluralidade de sentidos.

> A história da metafísica é a história do esquecimento do ser na sua diferença em relação ao ente, portanto, do ser como Ereignis. Mas só se manifesta enquanto tal, se se olhar a partir da deslocação em que se coloca o Ge-Stell, o qual, se, por um lado, leva à consumação a metafísica como pensamento do Grund (na técnica, tudo é concatenação

> regulada de causas e efeitos, em toda parte o Grund triunfa), também faz aparecer, finalmente, o ser não já como o fundamento a que o homem se refere, mas como o acontecimento da 'transpropriação' recíproca e do ser. No mundo técnico, o ser como fundamento desaparece; tudo é 'posição', cada fundamento é, por seu turno, fundado e o homem vive no arco desta fundação. Na manipulação universal, que implica o homem não só como sujeito, mas também muitas vezes como objeto (pelas várias formas do domínio social até à engenharia genética), anuncia-se o Ereignis, o ser liberta-se (a partir) da marca do Grund (Vattimo, 1980, p. 173).

A história da metafísica é marcada pelo esquecimento do ser em sua diferença em relação ao ente, reduzido ao *Ge-Stell*[14], onde a técnica consuma o domínio do fundamento (*Grund*)[15] como encadeamento causal. No mundo técnico, o ser como fundamento desaparece, e tudo se torna posição e manipulação, incluindo o próprio homem como sujeito e objeto. Entretanto, esse processo também revela o *Ereignis*[16], o acontecimento que liberta o ser da submissão ao *Grund*. Assim, o ser emerge como transpropriação recíproca, reconfigurando a relação entre homem, técnica e existência.

Com a linguagem, o processo é similar: em vez de buscar uma verdade fixa e transcendental, a linguagem pós-moderna, segundo Vattimo, aceita sua natureza

14. A Ge-Stell é o modo como a técnica moderna organiza e enquadra o mundo. De acordo com Gonçalves e Souto (2021, p. 205): "Partindo de Heidegger, também Vattimo compreende que o esquecimento do ser, embora tenha encaminhado o homem para a Ge-Stell (técnica), abriu a possibilidade de a filosofia direcionar a compreensão do ser para uma abertura, em que o respectivo horizonte não está encerrado, mas continua dinâmico e passível de interpretações mediante os múltiplos acessos possíveis a ele de acordo com a experiência de cada Dasein".

15. Em *Vom Wesen des Grundes* (Heidegger, M., *Wegmarken*, 1976, p. 123-176), Heidegger discute a noção de fundamento dentro de seu projeto de "superação da metafísica", destacando a transição de *Grund* (fundamento) para *Abgrund (abismo, fundo sem fundo, a ausência de um fundamento absoluto)*. Vattimo interpreta isso como a passagem de um fundamento típico da metafísica para a ausência de fundamento, característica de sua hermenêutica niilista. Entretanto, caso se traduza *Abgrund* como "abismo", pode-se compreender a expressão heideggeriana como a abertura de uma profundidade radical, o que sustenta o movimento da ontologia hermenêutica proposta por Heidegger.

16. A Ereignis é um acontecimento-apropriativo, como esclarecem Gonçalves e Souto (2021, p. 201): "Heidegger, por outro lado, embora influenciado pela filosofia nietzscheana, entende a história da metafísica como "esquecimento do ser", isto é, a compreensão de que a metafísica se esqueceu – "não dissolveu[-se] nem desapareceu[-se]"26 – do problema do ser e se empenhou por privilegiar o ente, principalmente o ente supremo, abrindo a possibilidade de uma ontologia a partir do "sendo". Resulta, então, um projeto de ontologia hermenêutica, em que se busca restabelecer a problemática do ser na filosofia contemporânea de modo aberto, pois o compreende na relação com o Dasein que está jogado às vivências pelas quais ele apreende e compreende o mundo e a si mesmo na lógica da Geworfenheit heideggeriana. Dessa forma, a "aparição" do ser se dá na "Ereignis — traduzida por acontecimento-apropriação ou como evento — em que o ser se dá ao homem na forma de destino — Geschick — e transmissão — Überlieferung — evidenciando, desse modo, um caráter epocal do ser".

fragmentária e interpretativa. O “esquecimento do ser” aqui significa abandonar a ideia de uma linguagem que possa alcançar uma essência última, privilegiando uma hermenêutica aberta e relacional. Assim, a linguagem deixa de ser um meio de revelar verdades universais para se tornar uma prática de comunicação interpretativa, onde a verdade é sempre provisória e mediada pelo contexto.

Portanto, o esquecimento do ser em Vattimo enfraquece a morte e a linguagem ao negar-lhes um sentido absoluto e imutável, transformando-os em partes de uma rede de significados sempre em transformação.

CRISE DA PRESENÇA

A crise da presença ocorre quando o sujeito não consegue mais agir no mundo, resultando em uma “queda” ligada a condições históricas específicas. Essa crise implica uma desistorização, sendo necessária a recuperação da presença por meio de uma etnologia histórica que integre religião, mito e magia. O mito, dentro da obra de De Martino, não apenas retoma o passado psíquico, mas também constrói uma ponte entre o psíquico, o somático e o físico, desempenhando um papel na cura e na resolução de dramas existenciais. A ritualidade subverte o tempo histórico e, ao resolver conflitos, oferece uma existência protegida.

De Martino adota a ideia de Heidegger sobre a “queda do ser”, onde o sujeito perde sua capacidade de agir no mundo, sendo incapaz de operar dentro da cultura. Ele defende que a cultura é essencial para expressar e agir no mundo, e a obra de De Martino é uma metahistória que analisa como a sociedade age historicamente, por meio da cultura, para resgatar a presença. A realidade, para ele, não é dada, mas está envolta no ser e exige um engajamento consciente do pesquisador com as comunidades estudadas.

> É preciso notar, contudo, que aqui não há apenas uma derivação heideggeriana, e sim uma multiplicidade de referências filosóficas (como, evidentemente, o historicismo de Croce) e histórico-religiosas (como Pettazzoni), ou até fenomenológicas (Van der Leeuw, Eliade) mediadas, sobretudo, pelo trabalho etnográfico realizado nos anos de 1950 e 1960. Vários autores apontam para o fato de que há uma clara superação de Heidegger, na medida em que se, para Heidegger, a condição de "queda" do ser (Verfallen) é inscrita na própria existência como sua condição, para De Martino a possível queda (a "perda da presença") está fundamentalmente ligada a condições históricas específicas de existência, aquilo que ele chama "o mundo mágico" (Pompa, 2022, p. 332).

Além disso, De Martino reflete sobre a religião como uma técnica que protege contra a crise de presença, destacando a agência do indivíduo e sua capacidade de se desdobrar nas potências operacionais do ser humano. A presença no mundo, portanto, não é um dado, mas uma tarefa. A cultura funciona como um exorcismo solene contra a perda da presença, e o simbolismo mítico ritual é um instrumento de controle da crise. A crise, embora de natureza existencial, tem uma resposta coletiva e cultural. A religião, nesse contexto, é vista como um meio de resgatar a presença, sendo situada historicamente e influenciada por experiências de dor, luto e crises coletivas, como nas sociedades agrárias.

ENTRE CRISE E SENTIDO: HERMENÊUTICA DA RELIGIOSIDADE NA SECULARIZAÇÃO E NA PRESENÇA

A perspectiva hermenêutica elenca uma *koiné*[17], uma linguagem comum, historicamente construída, que permite a transmissão contínua de significados dentro de uma tradição viva e interpretativa. Em um mundo secularizado, ela atua como o meio pelo qual a fé é reinterpretada, rompendo com os dogmas rígidos e rejeitando a violência de uma verdade monolítica, sem renunciar a valores

17. Para Vattimo, a koiné simboliza uma linguagem comum, historicamente construída, que permite a transmissão e interpretação da tradição de forma dinâmica e inclusiva. Ela rejeita a rigidez do pensamento metafísico, promovendo a pluralidade de significados e a superação de verdades absolutas. No contexto religioso, a koiné representa uma fé desdogmatizada, centrada em valores como caridade e acolhimento, em sintonia com a hermenêutica.

fundamentais como caridade, acolhimento e tolerância. Como reflete Irineu José Bottoni:

> A hermenêutica se apresenta como "a liberdade de reconstruir uma forma histórica dada de fato – uma obra, e também uma filosofia – contrapondo-se, o mais rigorosamente possível, à sua legalidade interna. Esse é o sentido que a hermenêutica assumiu, tornando-se *koiné*. Toda a interpretação da teoria hermenêutica de Vattimo está baseada no eixo dos filósofos Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer: para o primeiro, a interpretação é vista, sobretudo, como o ponto de vista do ser, ou seja, sob uma conotação ontológica; para o segundo, essa ontologia se envolve na linguagem (2022, p. 116).

Essa visão se conecta diretamente à noção de De Martino sobre a crise da presença, que surge quando o indivíduo se vê incapaz de sustentar a própria identidade diante do colapso dos sistemas simbólicos que dão sentido ao mundo. A crise, segundo De Martino, ocorre quando o sujeito perde a capacidade de se situar no tempo e no espaço, ameaçado pela fragmentação existencial. Nesse sentido, a *koiné* pode ser vista como o instrumento hermenêutico que permite a reintegração do sujeito à tradição, não como algo estático, mas como uma linguagem interpretativa que possibilita a renovação do sentido.

Para Vattimo (2004), a secularização é um processo histórico e filosófico que dissolve as estruturas metafísicas e dogmáticas da tradição, abrindo espaço para uma interpretação mais plural e aberta da realidade. Não se trata do abandono da religião, mas de sua transformação em uma experiência hermenêutica que acolhe a fragilidade e a historicidade do ser humano. Vattimo entende a secularização como a realização do núcleo do cristianismo, que desestabiliza o absoluto e promove valores como caridade, acolhimento e esperança. Esse processo enfraquece a imposição de verdades monolíticas e reforça o caráter interpretativo e contingente da tradição. Assim, a secularização não elimina a religiosidade, mas a reconfigura como uma vivência autêntica, marcada pela busca de uma fé kenótica e ornamental. Em harmonia com a Carta aos Filipenses, onde

Paulo apresenta Jesus como aquele que abandona sua entificação para se tornar mundano, o cristianismo emerge como uma religião voltada para além da estrutura da violência, centrada no amor e na convivência.

Dessa forma, a hermenêutica da *koiné*, em Vattimo, e a superação da crise da presença, em De Martino, encontram um ponto de encontro na defesa de uma religiosidade que dialoga com a pluralidade e recusa a imposição de verdades rígidas. Esse diálogo oferece uma perspectiva inovadora para pensar a relação entre religião, secularização e a reconstrução do sentido em um mundo marcado pela fragmentação e pluralidade, que não mais toma o ser como objetivamente dado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Vattimo explora a experiência religiosa via hermenêutica, porque ela se funda no pensamento da tradição como transmissão, evidenciando a linguagem, os mitos sem dogmatismo e recusando a rigidez metafísica. Permitindo que a fé sobreviva de maneira autêntica. Lidar com a temporalidade e a linguagem possibilita escapar da violência de uma verdade monolítica, sem renunciar a valores como a tolerância, o acolhimento e a caridade. Isso pode se conectar à crise da presença de Ernesto de Martino, especialmente no que diz respeito à relação entre tradição, linguagem e a preservação da autenticidade frente à dissolução da subjetividade no confronto com o absoluto.

De Martino percebe na crise da presença, indivíduos que se veem ameaçados pela perda do sentido de si no mundo, um esvaziamento do “eu”, especialmente em contextos onde as estruturas culturais (como mitos, rituais e tradições) que oferecem segurança simbólica começam a falhar. A crise surge quando o sujeito é incapaz de se posicionar no tempo e no espaço de maneira estável, enfrentando o risco de desintegração existencial.

Nesse contexto, o pensamento de Vattimo, com sua recusa a uma verdade monolítica e sua ênfase na temporalidade e na linguagem, oferece um caminho para compreender como a religiosidade pode responder a tal crise. Vattimo propõe uma fé desdogmatizada, enraizada na tradição como um diálogo interpretativo contínuo. Ao invés de se apoiar em verdades metafísicas fixas que podem agravar a alienação ou rigidez diante do fluxo da vida, a experiência religiosa hermenêutica convida à abertura, ao acolhimento e à tolerância.

Essa abordagem é particularmente relevante para a crise da presença porque sugere que a reintegração do sujeito não se dá pelo retorno a dogmas ou absolutos que prometem estabilidade externa, mas pela vivência da fé como um processo de interpretação contínua, onde a tradição se torna um suporte fluido, capaz de dar sentido à experiência individual e coletiva sem eliminar a pluralidade do ser. A linguagem, os mitos e os valores centrais como caridade e acolhimento funcionam, nesse modelo, como ferramentas para reconstituir a presença em um mundo fragmentado, evitando tanto o colapso existencial quanto a violência de uma ordem rígida e universalizante.

Ainda fica a reflexão frente ao regime protegido que se refere a um estado alterado de consciência vivido em contextos rituais, como os rituais de transe e descarrego no Brasil, onde os participantes buscam cura espiritual e conexão com o transcendente. Essas práticas, presentes em religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e Umbanda, oferecem um espaço de pertencimento coletivo e cura, sendo estudadas pela antropologia como experiências profundamente enraizadas nas dinâmicas culturais e sociais. O transe, que mistura elementos oníricos e racionais, permite a manifestação de forças espirituais e a superação de crises existenciais, funcionando como um meio de restaurar o vínculo do indivíduo com o mundo e a sociedade, conforme proposto por De Martino.

Portanto, a abordagem hermenêutica de Vattimo oferece um horizonte onde a crise da presença pode ser enfrentada de maneira autêntica, buscando na história também a salvação, *Kénosis*, sem negar a fragilidade e a historicidade do humano, uma possibilidade de *Koiné* que reafirma os valores que sustentam a existência compartilhada em meio à diferença, um espaço onde a tradição se mantém viva e aberta ao diálogo.

REFERÊNCIAS

BOTTONI, Irineu José. **Fundamentalismo e suas interpretações: violência metafísica no pensamento de Gianni Vattimo.** Fundamentalismos religiosos em perspectivas – Diferentes abordagens das Ciências da Religião / Breno Martins Campos. São Paulo: Editora – Pluralidades, 2022.

DE MARTINO, Ernesto. (2019**). La fine del mondo.** Contributo all'analisi delle apocalissi culturali. G. Charuty, D. Fabre & M. Massenzio (orgs.). Torino: Einaudi.

ELIADE, Mircea. ***O Sagrado e o Profano: a essência das religiões.*** Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GOMES, Tiago da Silva. **O "pensamento fraco" como característica emblemática da pós-modernidade.** Pensamento Extemporâneo – Faculdade Dom Luciano Mendes – Filosofia de Qualquer Tempo, 2009. Acesso em: 15/04/2024. Disponível em: https://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=611.

HEIDEGGER, Martin. **A Época das Imagens do Mundo** *(Die Zeit des Weltbildes)* [1938] Trad. Claudia Drucker. Acesso em: 12/09/2024. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7888155/course/section/6531687/HEIDEGGER%2C%20M.%20A%20e%CC%81poca%20das%20imagens%20de%20mundo.pdf.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** 15ª Edição, Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Universidade São Francisco, Editora Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o problema do Ser/O caminho do campo.** Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

HEIDEGGER, Martin. **Wegmarken.** Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976.

LOPES GONÇALVES, Paulo Sérgio; SOUTO, Felipe de Queiroz. Pós-Deus. **Pesquisas em Teologia**, [S.l.], v. 4, n. 8, p. 194-212, dec. 2021. ISSN 2595-9409. Acesso em: 29 mar. 2025. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/1546>.

MARZANO, Michela. **Para Vattimo a verdade era interpretação, ele buscava o diálogo e adorava a dúvida.** IHU – Unisinos, 21 de Setembro de 2023. Acesso em: 20 nov. 2024. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/632569-para-Vattimo-a-verdade-era-interpretacao-ele-buscava-o-dialogo-e-adorava-a-duvida.

PLATÃO. ***A República***. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 10. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Livro VI, 507b–511e; Livro VII, 514a–521b.

POMPA, Cristina. **Ernesto de Martino e o percurso italiano da antropologia.** Horiz, antropol, Porto Alegre, ano 28, n 62, jan 2022.

VATTIMO, Gianni. **As Aventuras da Diferença.** O que significa pensar depois de Heidegger e Nietzsche. Biblioteca de Filosofia Contemporânea – Edições 70. Aldo Garzanti Editore, Tradução de José Eduardo Rodil, 1980.

VATTIMO, Gianni. **Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da igreja?** Tradução: Klaus Bruschke. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018a.

Vattimo, Gianni.; Zabala, Santiago. **Comunismo hermenéutico – de Heidegger a Marx.** Traducción: Miguel Salazar, Dirigida por Manuel Cruz. Herder Editorial, S. L., Barcelona, 2012a.

VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade.** Tradução de Cynthia Marques. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, G. Gianni Vattimo a Roccasseca: **Metafisica, San tommaso e L'adeguatio.** Conferência do filósofo Gianni Vattimo em Roccasseca, vídeo gravado por: Nicola Severino. 26/04/2012b. Acesso em: 11/09/2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q0iyE4aW5Vk.

VATTIMO, Gianni. **Não ser Deus: Uma autobiografia a quatro mãos.** Tradução: Federico Carotti – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018b.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade. Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna.** Tradução: *Editorial Presença*, Lisboa, 1987.